

Apresentação

O presente número da Ágora Filosófica, intitulado *Tópicos de filosofia contemporânea*, propõe-se a recolher e articular uma série de investigações que, sem pretender reduzir a pluralidade do pensamento atual a um eixo comum, revelam o vigor e a heterogeneidade das questões que hoje atravessam a reflexão filosófica. Longe de uma mera atualização temática, trata-se de um esforço de diagnóstico: compreender de que modo certos problemas clássicos reaparecem sob novas configurações e exigem revisões conceituais que tocam o próprio modo de filosofar. A contemporaneidade, neste contexto, não designa apenas um tempo histórico, mas uma posição hermenêutica diante do pensamento. É sob essa chave interpretativa que os artigos e resenhas aqui reunidos encontram sua unidade, não por convergência de doutrina, mas por convergência de inquietações.

O número se inicia com o artigo de Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa e Gerson Francisco de Arruda Júnior, intitulado *A querela medieval acerca dos universais: entre o realismo, nominalismo e conceptualismo*. Ao reconstruir o percurso histórico das disputas lógico-lingüísticas medievais, o autor delineia as tensões constitutivas entre o realismo de Guilherme de Champeaux e o nominalismo de Roscelino, mostrando como o conceptualismo abelardiano emerge como tentativa de mediação que não dissolve o conflito, mas o reinscreve em um novo plano teórico.

Em seguida, Clara Leite Lisboa, no artigo *A pensatividade da fotografia e política*, examina a hipótese, inspirada no pensamento de Jacques Rancière, de que a fotografia encontra sua dimensão política precisamente em sua pensatividade — isto é, na tensão entre o enigma e a banalidade que a imagem carrega em sua visibilidade. A autora situa sua análise no interior do regime estético da arte, compreendido como aquele em que a imagem deixa de ser mero veículo de representação para tornar-se espaço de partilha sensível do comum.

O terceiro artigo, de Henrique Jorge Simões Bezerra e Nilo Ribeiro Junior, intitulado *Alteridade radical e carnalidade da pessoa com deficiência*, propõe um diálogo profundo com a filosofia de Emmanuel Levinas para pensar o corpo como lugar de revelação ética e de resistência ontológica. O autor parte da provocação levinasiana de “dizer o indizível enquanto indizível” para sugerir

que a experiência da deficiência não se reduz a um dado biológico ou sociocultural, mas se configura como enigma fenomenológico que convoca uma nova hermenêutica do corpo e do cuidado.

No quarto artigo, Facundo Guadagno, em *Heidegger y Levinas: el encuentro ético como fundamento de la fenomenología*, revisita um dos diálogos mais decisivos do pensamento do século XX: o confronto entre a ontologia fundamental heideggeriana e a ética da alteridade levinasiana. O autor mostra que a divergência entre ambos não se reduz a uma oposição entre o ser e o outro, mas se inscreve como uma reorientação do próprio sentido da fenomenologia — de uma descrição do aparecer do ser a uma exposição do eu à interpelação do outro.

O quinto artigo, de Márcio Dias, intitulado *A liberdade volitiva na moral kantiana: implicações à bioética do biorrespeito em Fritz Jahr*, propõe uma leitura que reconecta a Crítica da Razão Pura e a Crítica da Razão Prática ao horizonte contemporâneo da bioética. O autor examina como a liberdade transcendental, núcleo da autonomia da vontade racional, se converte no eixo ético que sustenta o imperativo bioético formulado por Fritz Jahr — uma extensão da deontologia kantiana para o domínio da vida em geral.

No sexto artigo, Sandro Gomes e Francisco Rodrigues Macedo, em *Mundo da vida e contextos educativos: implicações epistemológicas e hermenêuticas*, realiza um diálogo instigante entre Edmund Husserl e Jürgen Habermas, reencontrando na tensão entre fenomenologia e teoria crítica um campo de mediação entre experiência, linguagem e educação. O texto parte do conceito husseriano de *Lebenswelt* — o mundo da vida como horizonte pré-teórico de sentido — para examiná-lo à luz da teoria da ação comunicativa e da crítica habermasiana à hermenêutica gadameriana.

O sétimo artigo, de Alberto Simonetti, intitulado *Peace and constituent conflict*, propõe uma reflexão vigorosa sobre a relação entre ética e política no horizonte contemporâneo, em meio às crises de identidade e às dinâmicas de globalização que reconfiguram as formas de convivência. O autor diagnostica que as políticas identitárias, ao se fecharem em torno da afirmação de diferenças sem mediação, espelham a lógica individualista do mercado e do capital financeiro, instaurando uma “moralidade da dominação” em que a ética cede lugar ao cálculo e à autopreservação.

O oitavo artigo, de Maurizio Trudu, intitulado *The time of the history of philosophy*, interroga a própria temporalidade do pensamento filosófico, examinando de que modo a história da filosofia se constitui, simultaneamente, como objeto e como sujeito do tempo. O autor propõe uma leitura que toma o título em duplo sentido — genitivo subjetivo e genitivo objetivo — para mostrar que a história da filosofia não apenas tem um tempo próprio, plural e descontínuo, mas também produz temporalidade, na medida em que organiza e reconfigura o passado sob o horizonte de novas interrogações.

O nono artigo, de Ismael Ivan Rockenbach, Vitória Silva Felix e Sandra Souza da Silva, intitulado *Empatia fenomenológica por Edith Stein e atitude empática por Carl Rogers: um diálogo possível?*, estabelece uma interlocução singular entre filosofia e psicologia, explorando a convergência entre a concepção fenomenológica de empatia formulada por Edith Stein e a atitude empática desenvolvida por Carl Rogers na psicoterapia centrada na pessoa. A análise evidencia que, embora oriundos de contextos distintos — a fenomenologia transcendental e a prática clínica humanista —, ambos os autores partem de uma mesma intuição fundante: a de que a experiência do outro não é uma inferência nem uma projeção, mas um modo originário de presença e reconhecimento.

O décimo artigo, de Allyson Pereira de Almeida e João Miguel de Moraes, intitulado *Sujeito, humanidade e racialidade: por uma recusa radical das categorias modernas no pensamento de Denise Ferreira da Silva*, expõe as fissuras das categorias fundantes da modernidade filosófica — sujeito, humanidade e razão. A partir da leitura do pensamento de Denise Ferreira da Silva, os autores interrogam o modo como tais conceitos, historicamente constituídos sob o horizonte eurocentrado, sustentam estruturas de racialização que persistem como dispositivos de exclusão e violência.

Encerrando o presente número, duas resenhas críticas reafirmam a vocação da Ágora Filosófica para o diálogo. A primeira delas é de autoria de Matheus dos Reis Gomes sobre o livro *A fenomenologia do ato mental*, de Klaus G. Hering. Já a segunda, de Agemir Bavaresco e Oscar Pérez Portales, tratam do livro de Saulo de Matos, *Teoria Negativa da dignidade humana: Fundamentos para o direito de não ser humilhado*.

Diogo Villas Bôas Aguiar (Editor Adjunto)